

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
LISBOAENSES



## A IGREJA DE SAINT-MACLOU

O seculo XVI foi para a architectura uma época de transição, em que os artistas, abandonando, pouco a pouco, o estylo gothico, voltaram ás tradições da arte grega. Eis porque se dá a esta revolução o nome de *renascença*. A imaginação dos artistas começava a cançar. As esculpturas mais variadas, as formas mais fantasticas, mais caprichosas, tinham-se excessivamente multiplicado, e chegara-se a esse ponto em que o espirito, fatigado das descobertas passadas, experimenta a impotencia de innovar, e a necessidade do descanso. A architectura grêga foi o refugio dos artistas. Guiados pelos grandes modêlos da antiguidade, conduzidos a principios seguros, invariaveis e consagrados pelos seculos, sentiram-se mais á sua vontade e entregaram-se com ardor a um genero esquecido durante muito tempo e que lhes offerencia todos os atractivos da novidade. O seu zelo reanimou-se; o seu entusiasmo retomou toda a sua liberdade. Por isso, na maior parte dos monumentos d'aquelle seculo, encontram-se uma vida, um calor, que é mui raro achar nas obras de imitação, e que em vão se procurariam nas construcções posteriores. Um dos mais eloquentes escriptores francezes, tratando da renascença das artes, diz: «A architectura do seculo XVI passou, dos brilhantes arrojios do estylo gothico, ás bellezas classicas da renascença, filha engenhosa da antiguidade, cujas risonhas graças rivalisam muitas vezes com as de sua mãe.»

Entretanto, a transição não se fez rapidamente. O capitel corinthio ou dorico não desthronou logo a ogiva; houve no principio uma especie de fusão dos dois generos, e não é raro encontrar nos monumentos d'esta época os recortes, os entalhos e os florões gothicos, unidos e entremeiados com as folhas do acantho, os triglyphos, modilhões e todos esses ornamentos tão puros e symmetricos dos monumentos da Grecia.

Entre as construcções que apresentam este mixto de architectura e que por esse titulo são dignas de toda a attenção dos artistas e dos historiadores, citaremos, particularmente, a magnifica igreja de Saint-Maclou, em Ruão, de cuja perspectiva do lado do Norte damos hoje o desenho. Ainda que situada em uma das cidades de França, talvez a mais fertil em monumentos curiosos, esta igreja póde sustentar, sem desvantagem, a comparação com todas as que a rodeiam.

Saint-Maclou é notavel pelo tamanho, pela bella porporção no seu todo imponente e pelo seductor encanto que offerecem todas as suas miudezas. As menores esculpturas são de uma perfeição incrível. Admiram-se sobre tudo as portas, de um trabalho ao mesmo tempo rico e delicado, que mereceram a honra de serem attribuidas ao celebre João Goujon.

Mas o que está acima de todos os elogios, para o que não existem expressões, é o effeito, de alguma sorte magico, da soberba escada que conduz ao organ. É impossivel existir alguma cousa

que se possa comparar com aquelle luxo de ornamentos, desenhados e esculpturados com um apuro e arte incomprehensíveis!

## OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

## III

O terceiro logar n'esta serie dos apaixonados da litteratura portugueza (isto é, dos nossos *bolorentos classicos*, a nos servirmos da phrase adoptada pelos pontifices do moderno culto da *Ideia-Deus*, ou do *Deus-Ideia* (\*) pertence a Carlos Stuart.

Nascera este distincto diplomata em Buthe, ilha da Escocia, a 2 de janeiro de 1779; e depois de prestar ao seu paiz importantissimos serviços, pelos quaes mereceu ser elevado ao pariato com o titulo de Lord Stuart de Rothesay, falleceu cumulado de honras e condecorações a 6 de novembro de 1845.

Vindo para Lisboa pouco depois de realisada a expulsão do exercito francez em 1808, com o character de ministro britannico acreditado junto á Regencia do reino, participou com ella dos actos e resoluções governamentaes nos annos que se seguiram, tomando assento entre os seus membros com voto deliberativo, que devia ser principalmente attendido em todos os assumptos de guerra e fazenda. Assim o determinara do Rio de Janeiro a suprema potestade do então principe regente! Este mesmo, quando reinante com o nome de D. João VI, o escolheu para seu plenipotenciario no Brazil, commettendo-lhe o cargo de negociar e assignar em seu nome o tratado de 29 de agosto de 1825, pelo qual ficou definitivamente sancionada a separação, e reconhecida a independencia do imperio. O desempenho d'esta missão foi-lhe remunerado, em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de conde de Machico. A confiança do pai, succedeu a do filho D. Pedro IV, que fazendo-o portador da carta constitucional decretada em 29 de abril de 1826, creava para elle no 1.º de maio immediato o titulo de Marquez de Angra.

Apontamos singelamente estes factos, e sem commento algum. Quaesquer considerações politicas que elles possam suscitar nada tem que ver com o nosso intento.

Foi Lord Stuart homem notavelmente instruido, e mui versado na litteratura antiga e moderna, conhecendo e fallando todas as linguas cultas da Europa. Amava com excesso os livros, e na leitura d'elles consumia a maior parte do tempo que lhe sobrava do exercicio das funcções diplomaticas, em que andou constantemente empregado; com quanto de preferencia se dedicasse á lição dos historicos, por mais adequados e uteis á sua profissão.

No periodo de sua primeira residencia em Portugal deu-se ao estudo da nossa lingua: e tal affeição lhe inspiraram os nossos escriptores antigos, que não poupou cuidados nem dinheiro para adquirir as obras impressas mais notaveis por preço

(\*) Veja-se a epigraphie das «Odes modernas».



e raridade, e para haver copia dos manuscritos mais importantes de nossos archivos e livrarias. Reuniu uma colleção, completa quanto era possível, das actas ou capitulos de nossas antigas côrtes, e fez copiar o *Cancioneiro* original dito do Collegio dos Nobres, que mais tarde, em 1823, estapor embaixador em Paris, fez imprimir n'aquella cidade com o titulo: «*Fragments de hum Cancioneiro inedito, que se acha na livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de Carlos Stuart, socio da Real Academia de Lisboa. Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britannica. M. DCCC. XXIII.*» Edição de que apenas se tirou um pequeno numero de exemplares, destinados exclusivamente para presentes (1), e da qual resultou tornar-se conhecido e celebre na Europa um monumento, cuja existencia era totalmente ignorada. Adquiriu pelo mesmo tempo um exemplar do *Cancioneiro geral* (impresso) de Garcia de Resende; porém mui danificado, e até falto de folhas. O zeloso bibliophilo fez copiar com toda a exactidão as que faltavam; e imprimindo-as, passados annos, em Londres, em caracteres eguaes aos da obra, conseguiu restaurar um exemplar mutilado, tornando-o completo e perfeito.

Finalmente, os que levados da curiosidade pretenderem a descripção minuciosa de todas as preciosidades que n'este genero conseguira accumular em sua vasta e rica bibliotheca o illustrado diplomata, podem recorrer ao livro estampado em Londres, 1855 (anno em que veiu a realisar-se a venda da livraria) cujo titulo é: *Catalogue of the valuable Library of the late Right Honorable Lord Stuart de Rothesay... collected during many years residence as British Ambassador at the Courts of Lisbon, Madrid, the Hague, Paris, Vienna, St. Petersburg, and Brazil.*—É um volume, que em 324 pag. no formato de 8.º grande contém 4323 artigos, encerrando estes correspondentemente muitos milhares de volumes.

(Continua.)

### ADVERTENCIA

No trecho d'este artigo inserto no n.º 3, pag. 22 e 23, cumpre fazer as seguintes correções: Na pag. 22, linha 14, pelo anno: lêa-se pelos annos.— Na pag. 23 linha 2, com *Analyse*: lêa-se com a *Analyse*: e na linha 18, *ecessiveis*, lêa-se *accessiveis*.

### A PASCHOA DOS HEBREUS

A festa da Paschoa, *Pessah*, entre os hebreus, na actualidade, começa no dia quinze do mez de *Nisan*, Abril, dia em que seus pais saíram do Egypto, e dura, para os que vivem na Terra Santa sete dias, e oito para os que habitam nos outros paizes do globo. O sabbado que precede a paschoa denomina-se o grande sabbado; n'este dia o rabi de cada synagoga faz uma pratica explicando aos

(1) Póde ver-se acerca desta edição o do *Cancioneiro* um artigo inserto no *Panorama* de 1842, pag. 406; e o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II pag. 317, com os demais artigos que ali mesmo se apontam.

seus correligiosos as regras que teem a observar nas vespers da festa. Durante a paschoa, os hebreus não podem comer senão pão asmo e devem ter todo o cuidado de que em suas casas não exista fermento de qualidade alguma. Para esse fim, no dia treze, os chefes de familia procedem a um exame minucioso em suas habitações, e todo o fermento que encontram mettem-no em um vaso, que durante a noite é cuidadosamente guardado, e no dia seguinte queimado com toda a solemnidade. O serviço de mesa e utensilios de cozinha de uso quotidiano teem de ser substituidos por novos ou por outros que hajam sido guardados de um a festa para outra. Tudo se purifica; até as proprias mezas de cozinha, cadeiras, prateleiras são lavadas, primeiro com agua quente e cinza e depois com agua fria.

Terminada a purificação, passam a tratar do fabrico da bolacha sem fermento, para substituir o pão ordinario. A farinha é amassada pouco tempo antes de cozedura, afim de evitar a fermentação. Estas bolachas são ordinariamente redondas, delgadas e crivadas de burquinhos; na sua composição só entram farinha e agua; mas alguns hebreus abastados costumam ajuntar-lhes ovos e assucar. Não lhes é permitido usar de licores de grão durante toda esta epocha; só devem beber agua ou vinho por elles fabricado. No dia quatorze, o primogenito de cada familia é obrigado a jejuar, em memoria dos primeiros israelitas que cairam em poder dos primeiros Egyptios. Na tarde d'esse mesmo dia, os homens juntam-se na synagoga afim de, com suas orações, se prepararem para a festa, e durante este tempo as mulheres em casa occupam-se em dispor as mezas para o banquete solemne.

Tudo o que ha de melhor no trato domestico apparece n'esta occasião. Sobre um prato collocam um quarto de cordeiro assado e um ovo; sobre outro tres bolachas embrulhadas em guardanapos; e sobre um terceiro alface e aipo. Junto d'estas hervas poem um copo com vinagre, e outro com sal e agua. Vê-se tambem um bolo, o qual é destinado a representar os tijolos que os seus antepassados eram obrigados a fazer no Egypto; é composto de maçãs, amendoas, avelãs, figos, romãs, vinho e canella.

Disposta a mesa, como acima dissemos, assenta-se toda a familia em roda e começa uma especie de cerimonia. O dono da casa pronuncia uma benção sobre a mesa em geral e o vinho em particular; depois procurando um ar nobre, porque ha a intenção de representar a liberdade que recuperaram seus pais saindo do Egypto, bebe uma porção de vinho, e este exemplo é seguido pelo resto da familia. Então cada qual molha uma porção das hervas no vinagre e come-as, em quanto o chefe pronuncia uma segunda benção. Em seguida, desdobra os tres guardanapos que estão no prato, toma a bolacha que se contem no do centro, parte-a em duas, e colloca um dos pedaços entre as duas bolachas inteiras, escondendo o outro debaixo da toalha; esta cerimonia é uma



allusão, dizem elles, a esta circumstancia referida por Moises (Exod. XII. 34.) *Os Israelitas tomaram a sua massa antes de ser descoberta, e fugiram, levando-a escondida debaixo dos seus vestidos.* Depois o chefe da familia tira o cordeiro e o ovo de cima da mesa, e reunindo-se todos os assistentes para segurarem no prato que contem as bolachas, dizem juntos:

«Eis aqui o pão da pobreza e da afflicção, que nossos pais comeram no Egypto; que todo o que tem fome venha e coma; que todo o que necessita entre e coma do cordeiro pascoal. Este anno estamos aqui; no proximo futuro, se fôr da vontade de Deos, estaremos na terra de Chanaan. Este anno somos servos; se Deos o permitir, seremos livres em pouco.»

O cordeiro e o ovo são novamente collocados sobre a mesa, e o prato que continha as bolachas é tirado afim de obrigar as crianças a perguntarem o que significa esta festa; se as não há, uma pessoa da familia faz esta pergunta sob uma fórma regular. Em resposta conta-se o captiveiro, a escravidão do povo de Israel no Egypto, a sua redempção por Moises e a instituição da paschoa por esta occasião. Esta narração é seguida de alguns psalmos, e hymnos cantados por toda a familia. Depois as bolachas sendo novamente collocadas sobre a mesa distribuem-se em pequenos bocados por todos os commensaes em lugar do cordeiro pascoal que se comia n'outro tempo. Os hebreus dão por motivo d'esta mudança, que não é executar a lei o comer o cordeiro fóra do paiz de Chanaan e n'uma terra estrangeira não santificada. Uma ceia abundante segue-se a esta cerimonia, a qual se repete, pouco mais ou menos, na segunda tarde. Os dois primeiros dias e os dois ultimos são celebrados com grande solemnidade e pompa nas synagogas; os hebreus n'estes quatro dias abstem-se do trabalho, tão severamente, como no sabbado. Os quatro dias intermediários não são observados com tanto rigor. O ultimo dia termina por uma cerimonia chamada Habdala, durante a qual o dono da casa, tendo na mão um copo cheio de vinho, repete muitos capitulos da escriptura, bebe uma porção do licor e passa o copo ao resto dos assistentes que lhe seguem o exemplo.

## A PONTE DE RIALTO EM VENEZA

Veneza, esse grande emporio do commercio do mundo, essa soberba cidade, com tanta justiça, cognominada a rainha do Adriatico, celebre pelo esplendor e magnificência, que ostentou no decimo quinto seculo, como pelo esforço e ousadia de seus habitantes; Veneza, a dominadora de povos e nações, o deposito geral de todas as riquezas do Oriente, de quem o nosso inimitavel poeta Luiz de Camões, disse:

A soberba Veneza está no meio  
Das aguas; que tão baixa começou  
Da terra um braço vem ao mar, que cheio  
D'esforço, nações varias sujeitou,  
Braço forte de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos que na espada.

Veneza, em fim, que chegou a occupar o magno solio do poder e da opulencia; apezar da sua queda, sorte que espera sempre quem muito se eleva, é ainda objecto de grande admiração para o estrangeiro, que a visita.

• Não, porque lá encontre hoje o grande commercio, o pasmoso luxo e costumes de outras eras: negociantes de todas as nações do mundo, armenios, gregos, indios, judeus, turcos, etc., patenteando aos olhos do publico os finissimos tecidos de Cachemira, os diamantes de Golconda, as perolas da Persia, as especiarias de Ceilão; os filhos de Veneza com os seus trajes de seda bordada a ouro, e as bellas occultando seus formosos rostos com mascaras de velludô preto; mas, pelo maravilhoso quadro que lhe offerece, cujos traços, os mais insignificantes, são dignos de toda a attenção.

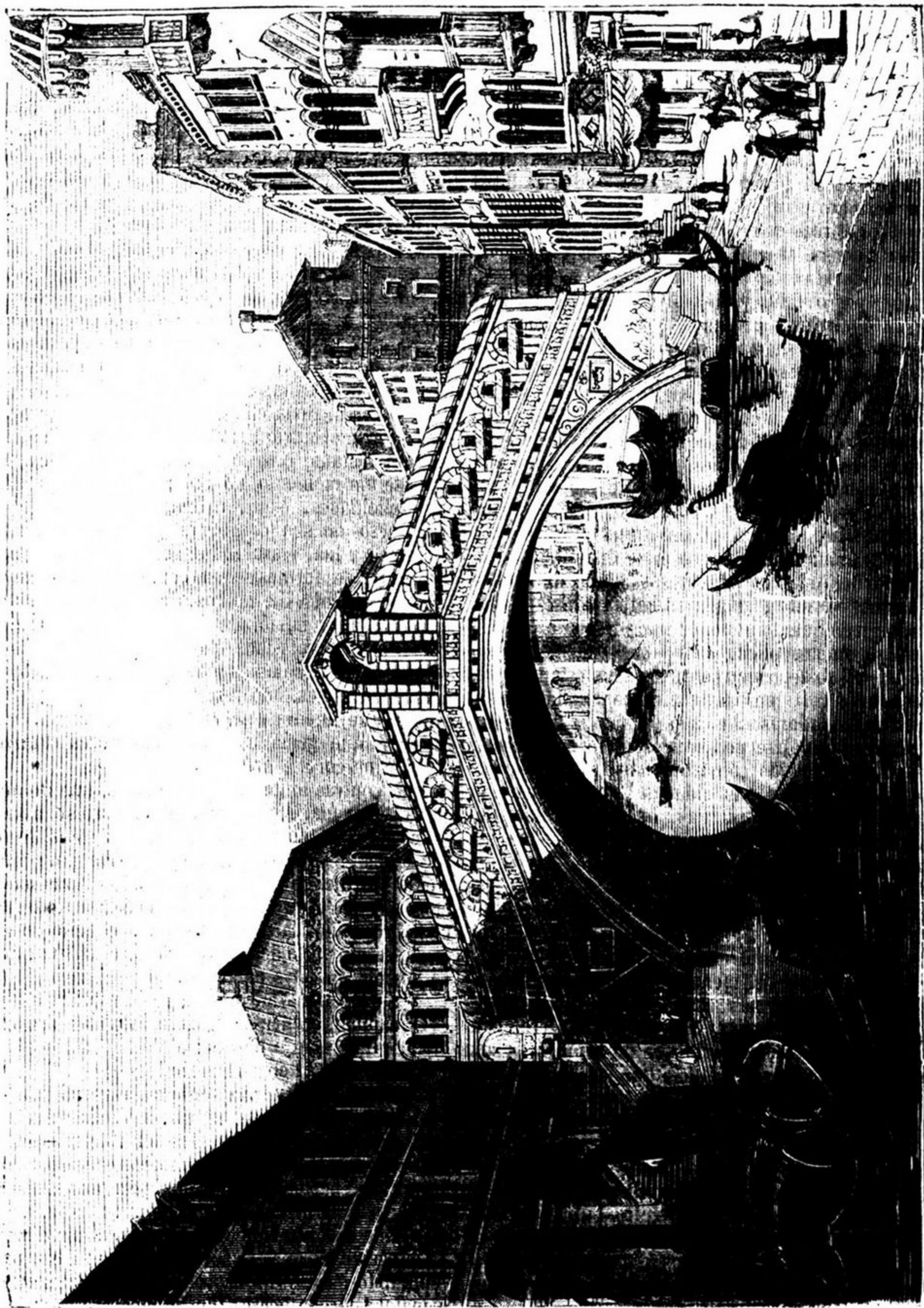
A cidade de Veneza está situada no meio de um grande lago na extremidade septentrional do golfo Adriatico, e a duas legoas do continente. Sannazaro, comparando Roma e Veneza, diz que se a primeira é obra dos homens a segunda deve ser attribuida aos deoses. E na verdade, Veneza parece sair do seio das aguas, com os seus magnificos templos, soberbos palacios, cupolas, columnas, arcos, torres, tudo notavel pela sua grandeza e variedade de architectura. Está dividida em cento e vinte ilhotas separadas por uma infinidade de canaes e unidas entre si por quatrocentas e oito pontes, quasi todas construidas sem symetria. O canal chamado *il canalazzo*, ou grande canal, semelhante a uma arteria principal á qual affluem todas as ramificações secundarias, divide a cidade em duas partes, seguindo uma direcção que lhe dá a figura de um S. Este canal, cujo comprimento regula por dois mil e seis centos passos venezianos e quarenta de largura, é a vida de Veneza, é o seu coração; é alli que todos concorrem para admirarem as mais raras obras de architectura. A esquerda da Piazzeta, onde elle começa, eleva-se a alfandega edificio tão solido como magnifico, e maravilhosamente adaptado ao logar que occupa. Depois vê-se a rica e magestosa igreja de *Sancta Maria della Salute*, edificada com grande dispendio para cumprimento do voto feito pela republica na occasião da peste de 1630, que roubou a vida a mais de quarenta mil individuos. Ao lado d'este templo nota-se um outro edificio, construido em 1670, que de 1818 em diante tem servido de seminario.

A direita do canal encontram-se os palacios Fini, Corner della Ca Grande e Cavalli e na margem esquerda, em frente d'estes, o grande palacio Dario, incrustado de lino marmore, os palacios Vencir, Augarani e a academia das Bellas Artes. As pinturas que existem n'este edificio, quasi todas da escola veneziana, foram executadas pelos seus melhores mestres. A colleção d'estes quadros é de um valor extraordinario e interessa, no mais subido grão, aos amadores.

Continuando a percorrer o grande canal, encontram-se os palacios Contarim Dagli Sgrigni, Rezzonico, Moro-Lin, Giustiniani, Toscani, Balbi, Contarini, Moncenigo, Pisani, Barbarigo, Corner Spinelli,



edificio muito notavel e de gosto exquisito; Farselli, hoje hotel da Grã Bretanha; Manin, Mangili, Micheli delle Colonne, Sangredo, Ca Doro, Corner Pesaro, Grimani, Bataggia Vendramin Calergi, Correr, onde existe uma grande collecção de gravuras, pedras, medalhas, pinturas, manuscritos, etc; Labia Manfrini, que tambem contem excellentes quadros dos antigos; Grimani, obra do seculo XVI, admiravel pela rica collecção que apresenta de antigas estatuas, urnas, inscripções e outras muitas





obras gregas e romanas; e enfim, o palacio Corniani d'Algarotti, em cuja bibliotheca se acham todas as produções theatraes representadas desde 1636, época do estabelecimento do primeiro theatro n'aquella cidade, até aos nossos dias.

Veneza, como acima dissemos, possui quatrocentas e oito pontes, grandes e pequenas, mas a principal, a mais digna de menção, e a de Rialto, cuja perspectiva se acha representada na nossa gravura. Esta ponte, collocada sobre o grande canal, unica que serve de comunicação entre os dois principaes grupos de ilhas que formam a cidade, e uma das mais primorosas obras de architectura do seculo XVI. Compõe-se de um só arco cuja largura tem 90 pés e a altura 20, contando do nivel da agua á parte inferior da abobada; e correm sobre ella tres ruas estreitas, sendo a do centro guardada de uma arcada elegante, em cujo meio se eleva um portico de forte e magestosa estrutura. A construcção desta ponte, uma das mais solidas que se conhecem, é devida ao grande architecto Antonio Ponti, que a concluiu em 1588, sob o governo do doge Pascoal Cicogna. Nos prosperos dias da republica, a ponte de Rialto, de todos os lugares de Veneza o mais concorrido, offerecia um espectáculo surpreendente; duas ordens de magnificos estabelecimentos, nos quaes se viam as mais raras e soberbas produções da natureza e do artefacto, bordavam a galeria do centro; alli se encontravam os negociantes judeos, gregos, turcos, etc., trajes e costumes dos povos mais distantes da Europa, e da Asia, os orgulhosos filhos de Veneza ricamente vestidos, as altivas bellezas disfarçadas, enfim, tudo quanto havia de mais nobre e opulento n'aquella republica.

N'uma cidade, como esta de que estamos tratando, que foi uma verdadeira conquista sobre o mar, os fundadores obrigados a seguir as irregularidades do solo, não poderam estabelecer uma certa ordem, e sobre tudo construir ruas largas e espaçosas, como se vêem nas cidades de terra firme. A sinuosidade, pois, das ruas, ou para melhor dizer, dos canaes que formam a cidade, dá-lhe um aspecto inteiramente particular e unico. Em Veneza não ha carroagens; alli, as ruas são canaes; os carros, barcos; as carroagens, gondolas. Estas são deveras para admirar. Nada mais simples do que a sua fórma. O comprimento regula por trinta pés; tem pouco mais ou menos quatro de largura no meio, e formam nas extremidades duas pontas agudas e elevadas. Na prôa vê-se um ferro, com a forma de serra, de sorte que na rapidez da sua carreira, ameaça cortar tudo que se lhe oppõe.

No meio tem uma camara coberta, com suas vidraças e cortinas. A gondola é pintada de preto interior e exteriormente, o que lhe dá um tal ou qual aspecto triste. O que é sobre tudo muito para admirar é a agilidade e destreza com que os gondoleiros dirigem o seu ligeiro barco; passam uns pelos outros, cruzam-se e evitam-se com tal ligeireza, que os estrangeiros que não estão accustomed a este espectáculo, experimentam um sentimento de receio.

## PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

V

Brilhava a lua no firmamento d'um azul purissimo. As flores do terraço baloiçavam a sabor da brisa as suas urnas de aromas, e perfumavam a atmosphaera com as suas balsamicas exalações. As ruas de Medellin estavam desertas, e o fulgor do astro nocturno banhava as fachadas brancas das casas silenciosas.

A hora, o socego, as excitações d'uma vegetação luxuriante, a molle frescura da atmosphaera, tudo convidava a fallar d'amor; as harmonias dulcissimas da natureza pareciam o prelude d'um canto namorado.

Estava o pensamento de Viarmont a cem leguas das pelejas, da gloria, do sangue e do fumo da artilheria. N'esse instante nem poderia dizer se viera ao Mexico erigir o throno do imperador Maximiliano, se defender a republica de Juarez. O que sabia era que, republicano ou imperialista, levava encostada ao seu braço tremulo a mais formosa flor dos jardins do sol.

— Dolores, dizia elle em voz tão baixa que parecia um murmurio, sentemo-nos aqui. Esqueça por um instante o baile e as suas loucas alegrias, e pense um momento no amor e nas suas ineffaveis felicidades. Veja! a baunilha, vergando ao doce peso do seu corpo, enche-a de inebriante perfume; a lua, resvalando silenciosa no ceu, beija-lhe a face formosissima com os seus raios de prata, e desenha-lhe no rosto a expressão suavissima da mais namorada languidez. A Diana, a fria Diana phantasiada pelos antigos, deixou-se abrasar pelas chammias d'este clima, e sente os ardores de Venus. Não resista só, Dolores, ao doce influxo que impera em tudo que nos rodeia, que faz com que gema o colibri tão doces canticos poisado na corolla das flores...

E mil outras tonterias apaixonadas, que Dolores ouvia enlevada. A mão tremente, correspondia a pouco e pouco ao brando aperto das mãos do joven official; a cabeça reclinava-se-lhe para traz, e os olhos diziam já o que ainda não diziam os labios em que o joven official ia colher com um primeiro beijo a doce confissão... quando subito ergue-se um vulto deante dos dois, e uma voz grave murmurou estas palavras:

— Senhor capitão, preciso de lhe fallar.

O capitão ergueu-se furioso. Dolores deu um grito, e murmurou depois:

— O Senhor Perez Lourezo!

— Eu mesmo, minha senhora, respondeu o recém-vindo gravemente, eu que a V. Ex.<sup>a</sup> e a este senhor peço desculpa de lhes ter interrompido a conversação. Mas precisava immenso de poder conversar em particular com qualquer dos senhores officiaes, e ha meia hora que estou no baile, ainda não pude encontrar-me a sós com nenhum d'elles. Vi-os dirigirem-se para aqui, e aproveitei o ensejo, esperando da discrição da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> De Dolores o maior segredo acerca d'este encontro.



— De certo, senhor Perez Lorenzo, mas... tornou ella embarçada.

— Nada tema; versará a nossa conversação sobre pontos de serviço, juro-lh'ó. Jura-me também V. Ex.<sup>a</sup> guardar o segredo que lhe pedi?

— Juro.

— Queiram pois voltar á sala; aqui espero o senhor capitão Viarmont.

O capitão, dando mostras visiveis de mau humor, deu o braço a Dolores e acompanhou-a até ao sophá. Depois, voltando de sobr'olho franzido, veio ter com Perez Lorenzo e disse-lhe:

— Meu caro, mando-o cordealmente para o inferno. Que me quer? Creia que estava muito longe de pensar na sua pouco sympathica pessoa, e que os sonhos em que me embebia distavam bastante de certas recordações de dependura que a sua presença me aviva. Não o esperava n'esta casa; sempre julguei que os morcegos tinham medo do clarão do baile.

— Basta de palavras frivolas, e de injurias mais frivolas ainda, tornou Perez Lorenzo com voz grave, a hora é solemne e impõe-nos deveres a todos. Faça calar os seus despeitos de criança namorada, senhor capitão, e lembre-se que é militar, e que é francez. Volte á sala, procure sem affectação o coronel Dupin, diga-lhe que esteve comigo, que não ha tempo a perder, que faça sair todos os seus officiaes de modo que se não faça reparada a sua saída. Lá os espero no quartel. Prudencia e discripção.

E o mexicano desapareceu. Viarmont fitou um instante os olhos na baunilha junto da qual estivera com Dolores, e soltou um suspiro. Depois entrou na sala, e dando o braço ao coronel Dupin, passeiando com elle naturalmente, disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

D'ahi a instantes os officiaes francezes iam-se esquivando a um e um com a maior cautella possível, e dirigiam-se a toda a pressa para o quartel dos contra-guerrilhas.

Absorvidos pela febre do jogo ou das valsas, cuja melodia fascinadora jorrava da orchestra em notas tumultuosas, não repararam os convidados na saída dos officiaes francezes.

Só Dolores mostrou alguma inquietação, mas nada disse, fiel ao seu juramento. Depois a volvel mexicana, em dois ou tres giros de valsa com um seu joven e elegante compatriota, esqueceu a sua preocupação momentanea, e o homem que a motivára. A nuvem fugio rapida, como as nuvens do seu patrio céu, e nos labios vermelhos fluctuou de novo o sorriso da mocidade e do prazer.

(Continua)

## JOAQUIM JOSÉ DOMINGUES LIMA

O nome, que serve de epigraphe a este artigo, não pertence nem a um litterato celebre pelos seus escriptos, nem a um guerreiro illustre pelos seus feitos de armas. É o de um simples caixeiro portuguez, do Maranhão, que, não se distinguindo por nenhum d'aquelles predicados, possui comtudo um outro de não somenos valia: — O amor do proximo no mais subido e apurado gráo.

Bem que de um genero mui diverso dos do intrepido Joaquim Lopes, os serviços pelo sr. Lima prestados á humanidade merecem, como os d'aquelle, as benções de todos os corações generosos e bemfazejos.

Se um, com arrojo e valentia sobrenaturaes, expõe a propria vida para salvar a do infeliz, a quem a mais terrivel das mortes ja se antolhava certa no medonho revolver das vagas; outro, com uma dedicação talvez sem exemplo, vae de porta em porta implorar o óbolo da caridade para distribuir depois pelos indigentes e engeitados da sorte, qualquer que seja a classe, ou a nacionalidade a que pertençam.

Ambos, portanto, embora por diversa senda, se encaminham para o mesmo fim.

A par dos progressos e luzes do presente seculo caminha indubitavelmente a immoralidade e a corrupção, com todo o seu cortejo de miserias; mas pede a verdade que tambem se diga, para honra da presente geração, que nunca a caridade se ostentou em todas as suas variadas fórmãs, tão bella e radiante, como nos nossos dias.

As associações de beneficencia formigam; os asylos de mendicidade multiplicam-se, e, a par de tão bellas instituições, apparecem ainda homens como Joaquim Lopes e Joaquim Lima, que espontaneamente, e só obedecendo aos seus instinctos philantropicos, se dedicam exclusivamente a servir a humanidade. Limitando-nos a fallar unicamente do sr. Lima, não procuraremos enumerar todos os seus actos de philantropia, porque sendo elles tão numerosos, como os dias, que aquelle benemerito portuguez conta de existencia, seria necessario um livro de largas dimensões para os conter.

O misero escravo, o naufrago, a viuva sem arrimo, o orphão sem abrigo, o enfermo sem amparo, o mendigo, enfim, todos os que precisam de soccorro e protecção, encontram soccorro e protecção no sr. Lima.

Citaremos, pois, apenas alguns dos seus beneficos actos, que se acham registrados no consulado portuguez do Maranhão, e que merecidamente lhe alcançaram o gráo de cavalleiro da ordem de Christo, com que o honrou o sr. D. Pedro V, e o diploma de socio honorario da Real Sociedade Humanitaria, d'esta cidade, que espontaneamente lh'ó conferiu.

Tendo naufragado na costa do Maranhão a barca portugueza «Linda,» e ficando a sua tripulação, que pela maior parte se compunha de homens casados, e com filhos, reduzida á maior miseria, por

São peiores os homens que os corvos. O triste que foi á forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

ANTONIO VIEIRA.



ter perdido, com os objectos que levava para vender, todos os seus escassissimos haveres, o sr. Lima promoveu logo em favôr d'aquelles infelizes uma subscrição, que produziu um conto e quinhentos mil reis fracos, os quaes entregou ao nosso consul alli para lhes serem, como effectivamente foram, distribuidos.

O capitão do brigue-escuna brasileiro «Graciosa» João José de Sousa, brasileiro adoptivo, e portuguez de nascimento, foi barbaramente assassinado por um negro marinheiro a bordo do mesmo navio, e deixou mulher e filhos mehores no maior abandono e miseria. Acudiu-lhes, porém, o sr. Lima, promovendo immediatamente uma outra subscrição, que rendeu mais de tres contos, com os quaes lhes comprou uma casinha para se abrigarem, e algumas acções de um estabelecimento bancario.

(Conclue)

### PALLIDA MORS.

Imagem lucida, vestal de encanto,  
Involve-me nas dobras do teu manto!

Murchae; podeis murchar da terra ó flores,  
De variegadas côres!  
Não sei que valham folhas, viço e aroma  
Que ao sol expiram quando o sol descae,  
Do seio encantos, esplendor da coma  
Se, a noute, ao vento, cada dom se esvae?!  
A minha flor que os dons, perpetua, encerra  
Não é d'estes jardins! Flores da terra  
Podeis murchar; murchae!

Harmonias cessae! Parti-vos lyras  
Que o sois, e sois mentiras!  
Que sois hymnos, no templo, ao Deus eterno  
Depois das salas cantos sem calor,  
Coros de lupanar, gritos do inferno,  
Trovas de orgia, e queixas de uma dor!  
De vós descreio já, descreer profundo!  
Que eu sei de uma harmonia de além-mundo  
Que é só e sempre amor!

Visões, sumi-vos, que debuxa e cria  
A douda phantasia!  
Lubricas fadas, festivaes bacchantes,  
Phantasmas do prazer, que a febre dá,  
Beijos de fogo, labios palpitantes,  
Graciosas sombras, que vos quero eu já?!  
Fugi, visões, passae! Foge, chymera!  
Que eu só n'um anjo espero que me espera  
Da tumba para lá!

Nos vaivens da procella desabrida  
Do turvo mar da vida,  
Lá quando o nauta da anhelada praia  
Se affasta pelas rochas a bater,  
Ou quando, n'um momento, lhe desmaia  
O pharol que nas trevas crêra vêr,  
E o desalento apoz vem da esperança;  
Só é praia fiel, luz que não cança  
A ideia de morrer!

Fabrique o orgulho os thronos, sonhe a gloria,  
Depois invente a historia!  
Monumentos sem fim erga á vaidade,  
Blaspheme, Promotheu, ou chore, Job,  
Ao erro ajuste a palma da verdade,  
Em quanto julga Deos, rasteje o pó;  
Ao fructo da sciencia beba o sumo;  
Que tudo desaparece como fumo,  
E resta a morte só!

A morte! a doce, a perfumada ideia  
Por que minha alma aneia!  
Ahi onde outros vêem só materia  
E o cadaver no leito sepulchral,  
Vejo eu a apparição, vivaz etherea,  
De gesto encantador, voz divinal,  
Que com um braço o passo nos conforta,  
É com o outro nos rasga em frente a porta  
Da existencia immortal!

A morte! aquella a que sagrei meu culto,  
Que a Deos não é insulto!  
A que de fragil barro á terra avara  
Atira o corpo vil, mas a porção,  
Que d'outra essencia dimanou, prepara  
Para entrar n'outra esplendida mansão;  
A que os laços estale em que me empeço,  
A que, de vida fim, ainda é começo  
E de vida rasão!

A morte, sim, a candida lembrança,  
A pomba da alliança,  
A que é só verdadeira, e sancta, e justa,  
Que a nenhum foge, que nenhum maldiz,  
Que ao triste a quem a vida pesa e custa  
Não dá mais dos afagos seus gentis  
Do que ao louco, ao allivo potentado,  
Que a nega ou a receia, ao desgraçado  
Que se julga feliz!

Archanjo pensativo, clara estrella,  
Como eu te creio bella!  
Pallida morte! pallidez suave,  
Transparencia subtil, mimo dos ceus,  
Transumpto, symbolo, padrão, e chave  
Do que se passa além-terrenos veus,  
Do que é sereno e grande, eterno aspecto  
Da placidez augusta do architecto  
Dos mundos, seus trophéos!

Eu amo as rosas brancas que tu pisas,  
E as fórmias indecisas  
Do teu vago perfil; disco de lyrios  
Em que, perenne, brilhas no arrebol,  
É a purpura só dos meus delirios  
Teu impolluto, alvissimo lençol!  
Por ti a minha fé se ateia, e lavra,  
Por ti, da alma a suprema e sã palavra,  
O supremo chrysol!

Que os que tremem de vêr-te face a face,  
Nem te querem o enlace,  
Te pintem despiedada, foice em punho,  
Esqualida e senil, de olhar cruel;  
Que para mim, que só lamento o cunho  
De horror que t'imprimio falso cinzel,  
És vivida e louçã, balsamo, essencia,  
Ou flor de immoredoura recendencia,  
E do mais puro mel!

Por isso que n'um dia breve, breve,  
Em que ao longe e de leve  
O antegoso pedir de um teu mysterio  
Á viração que um sopro teu julgar,  
Á rama do cypreste, ao cemiterio,  
Ou á discreta solidão do mar,  
Possa eu ceder a frente ao somno amigo,  
E dos sonhos que houver, por ti, contigo,  
No teu seio acordar!

Imagem lucida, vestal de encanto,  
Involve-me nas dobras do teu manto!

12 de janeiro de 1866

ERNESTO MARECOS.